



Tecnologia e Sociedade

ISSN: 1809-0044

revistappgte@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Brasil

Queluz, Gilson Leandro

Eugenias Modernistas: O Presidente Negro de Monteiro Lobato e A República 3000 de
Menotti Del Picchia

Tecnologia e Sociedade, vol. 2, núm. 2, enero-junio, 2006, pp. 241-258

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=496650321016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EUGENIAS MODERNISTAS: O PRESIDENTE NEGRO DE MONTEIRO LOBATO E A REPÚBLICA 3000 DE MENOTTI DEL PICCHIA¹

Gilson Leandro Queluz*

Este artigo pretende discutir a presença de propostas eugenistas em dois romances: *O Presidente Negro ou o Choque das Raças*² de Monteiro Lobato, publicado em 1926, e *A República 3000*³ de Menotti del Picchia, publicado em 1930. A leitura dos romances proporcionou uma série de reflexões sobre o papel do romance fantástico na literatura juvenil no Brasil, porém, evidenciou, ainda mais fortemente, o importante papel concedido em ambos os romances, à eugenia como instrumento de transformação e ordenação social, como uma nova engenharia de controle social.

A eugenia era uma das técnicas que durante as décadas de 20 e 30 carregava a promessa de resolução eficaz dos conflitos sociais trazidos pela

* Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós Graduação em Tecnologia e do Departamento Acadêmico de Estudos Sociais da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. (queluz@utfpr.edu.br)

¹ Trabalho apresentado no Seminário Presença Africana na Produção Social da Tecnologia no Brasil. Uma versão preliminar foi apresentada no VIII Encontro Regional de História-ANPUH/PR, realizado na UTP em Curitiba, 2002. Esta pesquisa conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ.

² Monteiro Lobato. *A Onda Verde/O Presidente Negro ou o Choque das Raças*. São Paulo: Brasiliense, 1969. O romance foi publicado, como folhetim, originalmente no jornal A Manhã em 1926, com o título, “O Choque das Raças”. O título seria mantido na sua primeira edição pela Companhia Editora Nacional, também em 1926, sendo alterado, para “O Presidente Negro” duas décadas depois. (AZEVEDO)

³ Menotti Del Picchia. *A República 3000*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

diversidade étnica e social, através da construção de uma nova identidade racial-nacional, por um processo biopolítico de homogeneização racial. A eugenia surgia como uma “nova forma de intervenção da higiene que, apoiando-se na ordem biológica, buscava redimensionar a problemática das raças e das suas relações em uma realidade social na qual não cabia mais negar os ideais republicanos de igualdade e soberania à maioria da população negra e mestiça do país”(MARQUES, 1994, p. 28). Na definição de Francis Galton, “eugenia seria a ciência que se preocuparia com a melhoria da raça humana e, para tanto, procederia a identificação dos seres mais bem dotados física e moralmente, favorecendo seus casamentos” (MARQUES, 1994, p. 48). Conforme Luzia Castañeda, “o estudo da teoria da hereditariedade e a compreensão da influência do meio no desenvolvimento dos indivíduos subsidiaria a criação de códigos morais que permitiriam uma inspeção da sociedade. Por meio desse código, os matrimônios seriam controlados, os indivíduos indesejáveis seriam esterilizados, os fatores degenerativos seriam eliminados” (CASTAÑEDA, 1997, p. 254). A promessa de transformação, inerente ao discurso eugênico, implicaria na remodelação do homem brasileiro, a qual por sua vez, possibilitaria posteriores mudanças políticas e sociais de cunho modernizante (MARQUES, 1994, p. 44). Estratégia discursiva que conduziria a um ocultamento das desigualdades sociais, em um momento em que as tensões políticas e sociais se intensificavam e preocupavam as elites nacionais.

Menotti e Lobato são exemplos daqueles intelectuais latino-americanos influenciados pelo discurso eugênico e que, segundo Nancy Leys Stepan, “usaram o discurso supostamente universal da ciência para interpretar a modernidade e o progresso” (STEPAN, 2005, p. 14). Se a eugenia era um “projeto discursivo que dava uma estrutura para prescrição cultural e investigação médico-moral” (STEPAN, 2005, p. 15), nos romances aqui analisados, ela se encontra e interage com os discursos modernistas acerca da alteridade brasileira e de busca de uma identidade nacional. Porém, assim como os discursos eugenistas na América Latina estavam distantes de serem monolíticos (STEPAN, 2005), os romances

apontam para diferentes compreensões das políticas eugenistas a partir de um mesmo substrato discursivo de cunho racial: uma eugenia “negativa” de exclusão racial em Lobato e uma visão eugênica “positiva”, de miscigenação racial “construtiva”, em Menotti Del Picchia.⁴

EUGENIA E EFICIÊNCIA NO *CHOQUE DAS RAÇAS*

No romance *O Presidente Negro*, Lobato, por um lado, radicalizaria suas idéias acerca do saneamento, e portanto da construção da nação moderna, apresentadas anteriormente em *O Problema Vital*, conduzindo-as como tantos no período para a união com as técnicas eugenistas.⁵ Por outro lado, o romance torna à posição anterior ao *Problema Vital*, acerca da descrença na hibridização racial⁶. Este ambíguo movimento de radicalização/ regressão pode ser compreendido parcialmente no contexto de produção do romance em 1926. O polêmico romance seria o marco inicial de um projeto editorial de Lobato nos Estados Unidos. Desta forma, a inclusão de fortes componentes de escândalo no romance, segundo Marisa Lajolo (LAJOLO, 1999, p. 76-77), teria como um dos principais objetivos o retorno financeiro na “América”, sendo escrito conforme depoimentos da época, “especialmente para o público americano” (*apud* AZEVEDO,

⁴ Segundo Stepan, “ Pelo final da década de 1920, porém, muitos eugenistas haviam passado da eugenia “positiva” imaginada por Galton, que privilegiava à reprodução dos adequados, a uma eugenia “negativa”, que visava evitar a reprodução dos inadequados”(STEPAN, p. 37)

⁵ Um exemplo é Arthur Neiva a quem o livro de Monteiro Lobato é dedicado. Para uma análise das idéias de Neiva sobre as relações entre eugenia e imigração ver, Giralda Seyferth, *Eugenia, Racismo e o Problema da Imigração no Brasil*, in: Anais do VI Simpósio Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Rio de Janeiro, SBHC, 1997, p. 248-252.

⁶ Em *O Problema Vital*, de 1919, publicado com o apoio da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil, Lobato, influenciado pelas idéias higienistas, retoma a figura do seu Jeca Tatu, apontando a possibilidade de redenção do homem rural através das medidas de saneamento. Segundo Azevedo, , “ Monteiro Lobato descobre que o atraso do caipira não constituía uma maldição racial à Le Bon- o cientista social da corrente do determinismo, que defendia a superioridade de certas raças em relação a outras. Era, antes, fruto do desenvolvimento, que gera a fome, a doença e a miséria”(AZEVEDO, p. 112) Ver: Monteiro Lobato, *O Problema Vital*, in: *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 221-340. Ver especialmente a nova versão do conto Jeca Tatu, p. 329-340.

⁷ Além das informações apresentadas por Marisa Lajolo, conferir também Carmem Lúcia de Azevedo(et. ali.), *Monteiro Lobato: Furacão na Botucúndia*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1997. Conferir especialmente o capítulo “Um Romance Americano”, p. 213-222.

CAMARGOS e SACHETTA, 1997, p. 216)⁷. Contudo, é importante ressaltar que o romance dialoga com as concepções de Lobato acerca das contradições presentes nos processos de modernização brasileiro, especialmente da superação das estruturas nacionais arcaicas, nas quais estão incluídas, na sua visão, as raciais, por meio de processos científicos de racionalização.⁸ (AZEVEDO, CAMARGOS e SACHETTA, 1997, p. 205)

Em *O Presidente Negro*, o protagonista, Ayrton Lobo, vivencia uma rotina absolutamente monótona em seu trabalho no escritório de Sá e Pato. A possibilidade de rompimento com a mediocridade do cotidiano dá-se pela alteração do seu status social, advinda da aquisição de um automóvel, que permite, nas suas palavras, a passagem da casta dos pedestres, para a dos rodantes, “o homem superior que não anda mas desliza veloz”. A tecnologia assume um poder simbólico capaz de mudar percepções, encarnando em si o processo de constituição do novo horizonte técnico advindo da modernização conservadora nacional.⁹

Encarregado de uma tarefa em Friburgo, Ayrton sofre um acidente e acaba por retornar dolorosamente a “casta dos pedestres”. Ao ser resgatado, é levado para a residência dos Benson, onde passará seu período de convalescença. Benson representa o cientista, misterioso e superior no trabalho solitário de busca da verdade. A sua residência é vista como um castelo, local de magia e procura de conhecimento, composta de pavilhões, galerias envidraçadas e torres de ferro, povoada de objetos desconhecidos, uma moderna e baconiana fábrica de saberes.

Benson, à beira da morte, faz de Ayrton o confidente dos seu

⁸ Sobre o entusiasmo de Monteiro Lobato pelos processos de modernização, comenta Carmem Lúcia Azevedo (et. ali.), op. cit.. “ Nas diversas cruzadas e causas públicas em que se engajaria ao longo da vida, Monteiro Lobato sonhava transformar o Brasil em uma nação próspera cujo povo pudesse desfrutar os benefícios gerados pelo progresso e desenvolvimento. Com essa perspectiva tentou implementar novos métodos de criação e produção agrícola na fazenda Buquira. Tornou-se apóstolo das campanhas de saneamento, defendendo a aplicação da ciência médica- em lugar das rezas de benzedeiras- contra as doenças e parasitas que infestavam o organismo da população de baixa renda. E consciente da importância da comunicação e poder da palavra escrita, expandiu o mercado livreiro até as fronteiras mais remotas. Para Lobato, o atraso do país só seria superado pelo trabalho racional e aposta na modernização.” (p. 205)

⁹ Para uma reflexão sobre o automóvel como símbolo da “modernidade cinética”, ver: Guillermo Giucci, *A Vida Cultural do Automóvel*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

segredos científicos. A descoberta do cientista parte da concepção de que a vida na terra é um momento da vibração do éter. A uniformidade primeira da vibração uníssona do éter fora quebrado uma única vez pela intervenção, do interferente- Deus, desde então o universo desenvolvera-se automaticamente, de forma determinística. Portanto, o futuro já existe em suas pré-determinações e, se fosse possível captá-las, seria possível prevê-lo. Desenvolveu uma série de invenções para este fim: o grande coletor das ondas z, uma rede de antenas, capazes de coletar as ondas carregadas das mônadas do futuro, “o nervo óptico do futuro”. As ondas seriam polarizadas no cronizador que as envelheceria, até o ponto desejado. Este corte anatômico do futuro seria enviado ao porviroscópio que o projetaria em um globo cristalizado.

O prof. Benson morre após destruir os aparelhos, motivado pelo princípio de que o “homem, vicioso e mau com um poder irresistível para o despotismo, não poderia ter acesso a semelhante arma” (LOBATO, 1969, p. 143). Deixa a sua filha Jane a missão de apresentar a Ayrton “cortes anatômicos do futuro”. Em seus encontros com Jane, Ayrton tentaria decifrar o vocabulário “tão novo quanto a mentalidade futurista” (LOBATO, 1969, p. 181), presente na narração do momento mais marcante do futuro, o Choque das Raças, na América de 2228.

A organização social dos Estados Unidos, em 2228, era fruto da aplicação sistemática do chamado “idealismo orgânico”, visão pragmática, cujo messias fora Ford e que superara o “idealismo utópico europeu”. Suas principais características eram a standardização dos produtos, a desaglomeração da indústria urbana, a indústria considerada como produto harmônico da associação de classes sociais; em outras palavras, a organização racional do trabalho era a base fundamental do sucesso americano. O princípio da eficiência penetrara na organização do Estado que tomara como modelo o sistema empresarial, e no sistema representativo que era baseado na escolha racional dos mais capazes, mais fortes, mais equilibrados. Lobato dialoga aqui com os diversos movimentos de racionalização do trabalho disseminados no Brasil dos anos 20, deixando transparecer todo seu entusiasmo com o Fordismo. Segundo Azevedo, “Sua luta pela adoção de processos científicos em todos os níveis das

atividades humanas encontrou a síntese em Henry Ford. Comparando-o a Gutenberg- ao lado de quem figuraria no panteão dedicado aos heróis do trabalho- Ford, apresentara a resposta definitiva para extirpar a miséria da face da terra”(AZEVEDO, CAMARGOS e SACHETTA, 1997, p. 205).¹⁰ Ao princípio da eficiência, soma-se o princípio da eugenia. Na verdade, entrelaçam-se no mesmo desejo de produtividade e controle social.

Miss Jane narra uma história biopolítica do sucesso americano, um verdadeiro “ hino à eugenia”¹¹ (*apud* AZEVEDO, CAMARGOS e SACHETTA, 1997, p. 214). Nela, a vitória da eugenia principiara na imigração dos “melhores elementos europeus”, representantes de um “belo índice de energia” como aqueles a bordo do Mayflower, processo que teve o seu prosseguimento na instituição das leis migratórias restritivas no início do século XX- e aqui Lobato refere-se certamente a *Immigration Restriction Act- The Johnson Act*, aprovada pelo congresso americano em 1924 (STEPAN, 2005, p. 189) - e das primeiras leis de esterilização. No romance, finalmente, o surto imigracionista foi proibido, e as idéias eugênicas de Francis Galton foram implementadas, através de um Ministério da Seleção Artificial . Primeiramente, entrou em vigor a lei espartana, eliminando no berço os mal-formados, posteriormente em torno de 2120, a Lei Owen,ou Código das Raças,- novamente Lobato dialoga com a ênfase do movimento eugenista na transformação da estrutura jurídica do Estado, da imposição das principais “descobertas” eugenistas de maneira autoritária ao conjunto da população,através do arcabouço legal (MARQUES, 1994) - que impediria os defeituosos mentais de se reproduzirem, promovendo a esterilização dos mesmos. Desapareceriam

¹⁰ O entusiasmo de Lobato por Ford e pelo Fordismo se traduziria na tradução e publicação pela sua Companhia Editora Nacional, da autobiografia de Ford, *Minha Vida e Minha Obra*, em 1926, e também da obra, *Hoje e Amanhã*, em 1927. Publicou, ainda, um opúsculo em inglês, de sua autoria, *How Henry Ford is Regarded in Brazil*, em 1926. Ver: Carmem Lúcia de Azevedo(et. ali.), *Monteiro Lobato: O Furacão na Botucúndia*, especialmente, o capítulo “Henry Ford, O Idealismo Orgânico”, p. 205-212.

¹¹ O jornal propagandearia desta maneira o romance , “ É um hino à Eugenia, às leis espartanas revividas na América e é um brado d’armas em prol do princípio mágico que está fazendo da América do Norte um mundo dentro do mundo- a Eficiência” in: Carmem Lúcia de Azevedo(et. ali.), op. cit., p. 214.

assim os aleijados, os surdo-mudos, os morféticos e os histéricos, mas também, os defeituosos morais, as prostitutas, os vigaristas, os místicos, os burocratas e os retóricos. O objetivo era a elevação sistemática das qualidades em detrimento das quantidades.

O Código da Raça propunha a intervenção do Estado na sexualidade, regulamentando o direito de reprodução, controlando os matrimônios de forma a obter “uma perfeita qualidade do produto” (LOBATO, 1969, p. 282). Assim o futuro casal deveria obrigatoriamente apresentar-se a um Gabinete Eugenômétrico que, após analisar os “índices eugênicos” e da harmonização “somática psíquica”, concederia, em caso de aprovação, um brevet de reprodução. Os casais que fossem aprovados nestes testes pré-nupciais, característicos de certas políticas eugenistas¹², passariam sua lua de mel em Eropólis uma cidade sem ruas geométricas, com meandros irregulares e moitas nupciais, que proporcionariam as mais finas sensações estéticas, essencial para que a beleza e a harmonia fossem plasmados já no contato inicial dos gametas. Lobato, ao imaginativamente descrever estas práticas de puericultura, parece dialogar com a síntese neolamarckiana de Renato Kehl em que a falsa hereditariedade poderia ocorrer na passagem de uma geração. Início promissor que poderia transformar-se, em real hereditariedade, com a ajuda de técnicas como a puericultura estética que afirmaria a realza da criança e cultivaria os bons caracteres¹³.

Esta bio-história evolucionista racial proporcionou o fenômeno americano, essencialmente um fenômeno eugênico, livrando-o das “toxinas venenosas, do espírito de casta asiático ou da luta de classes européia”. A sociedade americana fora capaz, assim, de empreender inúmeras realizações como a extinção da roda, graças ao teletransporte; criar jornais de radiação metapsíquica onde os mortos poderiam entrar em contato com os vivos; o

¹² Ver Stepan, op.cit., especialmente o capítulo :“Eugenia Matrimonial”: Gênero e a Construção da Eugenia Negativa, p. 149-186.

¹³ Sobre o pensamento eugênico de Renato Kehl ver: Luzia Aurélia Castañeda, Da Eugenia a Genética: Alcoolismo e Hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl, in: *Anais do VI Simpósio Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, Rio de Janeiro, SBHC, 1997, p. 252-257. Castañeda afirma, “ podemos resumir a proposta eugênica de Kehl em : identificação dos fatores disgênicos;saneamento e prevenção desses fatores e aprimoramento da raça. Daí a relação “Instruir é eugenizar” e “ Sanear é eugenizar” que Kehl explicita em *Eugenia e Medicina Social*” (CASTAÑEDA, 1997, p. 254)

teatro onírico que reproduzia em telas os sonhos mais loucos, revolucionando a compreensão da alma humana; os desdobramentos anatômicos que, rompendo o plano simétrico humano, permitia o desenvolvimento de novas habilidades sensoriais. As tecnologias do corpo e as tecnologias de produção articulam-se em uma nova plenitude, reconfiguradas na miríade de relações micro políticas, expressas em uma nova materialidade social.

O único obstáculo a este bem-estar social americano foi a entrada dos “negros, o único erro inicial contido naquela feliz composição”. Para a privilegiada analista política, a historiadora total, Miss Jane, “O ódio racial surgido no processo, transformou-se em fecunda profilaxia, pois impediu a desnaturação das raças, o livre jogo das forças cósmicasO ódio criou na América a glória do eugenismo humano.” (LOBATO, 1969, p. 207) Para ela, esta contradição, instalada no âmago da formação americana, proporcionou seu próprio dinamismo. Desta forma, o Brasil neste contexto optara pela pior solução, a miscigenação. Reproduzindo o discurso de certas correntes eugenistas de que a degeneração racial brasileira causada pelo processo de hibridização era irreversível, Miss Jane afirma que a interação racial “matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica”.

O ódio cristalizado romper-se-ia em fragmentos, em 2228. A população negra, submetida ao mesmo Código da Raça, crescera, no entanto, em maior proporção, constituindo-se em mais de 1/3 da população total. Com o acirramento dos conflitos raciais, propõem-se soluções: a solução branca, ou seja a transferência dos negros para o vale do rio Amazonas; e a solução negra, a divisão da América em duas partes, o sul para os negros e o norte para os brancos. É quando o líder negro Jim Roy aproveita-se da divisão dos brancos entre dois partidos o Partido Masculino

- - - - -

¹⁴ Seria instigante um estudo sobre a questão de gênero nesta obra de Monteiro Lobato. Transparece numa análise preliminar, a crítica ferina e ácida de Lobato às feministas. Lobato reflete, neste momento do romance o debate sobre o voto feminino, direito conquistado pelas feministas americanas em 1919, e o próprio crescimento do movimento feminista no Brasil, do qual é exemplo o surgimento da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organizada por Bertha Lutz em 1922, e que tinha como um dos seus principais objetivos a conquista do voto feminino, ver: Maria Amélia de Almeida Teles, *Breve História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

e o Partido Feminino¹⁴, e elege-se presidente. Os conflitos raciais aguçam-se com a inesperada eleição, a guerra civil no horizonte...

O Presidente Kerlog, após reconciliar-se de forma enamorada com a líder do partido feminista, passa a refletir sobre como impedir a solução negra. Estabelecendo como princípio de ação, que as razões da raça são superiores a razão de Estado, convoca a Suprema Convenção Branca que aprova a seguinte moção de John Leland, significativamente o criador da puericultura estética: “a Convenção da raça decide alterar a Lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização, o pigmento negro camuflado.” (LOBATO, 1969, p. 322). Os representantes dos brancos americanos, ao apelarem para controles sociais mais radicais como a segregação, ou eliminação, refratam e aprofundam a lógica conservadora das elites brasileiras, que tratam os conflitos sociais como desagregadoras da ordem estabelecida.

A menção ao pigmento negro camuflado, refere-se ao processo de despigmentação adotado pela população negra, o que dava um tom esbranquiçado a sua pele. Para o embranquecimento completo era necessário acabar com o cabelo pixaim. Lobato parece novamente propor um paralelo com o objetivo eugenista de permanente aperfeiçoamento da raça que deveria conduzir ao progressivo branqueamento da raça nacional, a uma arianização do brasileiro. Neste caso, a identidade nacional desejada, e no texto de Lobato pelos próprios negros, era a identidade racial branca, escamoteando os processos de resistência social, e as reivindicações crescentes de plena cidadania e justiça social dos afro-brasileiros.

O chamariz para o processo de esterilização foi o alisamento dos cabelos, que seria possibilitado pela invenção do aparelho de raios ômega por John Dudley. Após três meses, 97% dos negros, ao se submeterem aos raios ômega, sem saberem de suas conseqüências, tinham sido esterilizados, inclusive Jim Roy. O princípio eugênico da esterilização involuntária fora levado ao extremo do genocídio.

O livro tem seu ápice no encontro entre Kerlog e Jim Roy, ocorrido na véspera da posse. Kerlog comunica os reais efeitos dos raios ômega sobre a raça negra, ou seja a sua futura extinção. Após a saída de Kerlog, Jim Roy como um Sansão sem cabelos, tomado pela sua impotência, morre.

Com a nova aliança entre o Partido Masculino e o Feminino, Kerlog é reeleito para o cargo. Depois de um ano faz um pronunciamento anunciando a moção Leland e o efeitos dos raios ômega. No dizer de Kerlog, “o problema negro foi resolvido da melhor forma para a raça superior detentora do cetro supremo da raça humana.” Fora removido o último obstáculo ao ideal da supercivilização através da eugenia. Na palavras de Dudley, “o problema que em vão a política tentara resolver, a ciência resolvia por um processo mágico”(LOBATO, 1969, p. 295). No romance, a mesma ciência que baseia os processos de racionalização da produção se constitui em instrumento político de intervenção sobre os corpos, apaziguadora de conflitos étnicos-sociais.

A EUGENIA ESTÉTICA DA REPÚBLICA 3000

A discussão de uma identidade brasileira na República 3000, de Del Picchia, dá-se de maneira eclética, em um momento histórico marcado pela crise de 1929 e pelas agitações políticas e operárias que precederam a Revolução de 30 .

As propostas utópicas de reorganização social descritas no romance *A República 3000*, de Menotti del Picchia dialogam com o desejo de constituição de uma nova identidade nacional embasada no aperfeiçoamento racial. Del Picchia também insere seu romance no debate, tão premente no período, sobre os processos históricos de mestiçagem racial e sua relação com a ascensão ou decadência civilizacional dos povos. A construção imaginária de Menotti parece dialogar alegoricamente com as teorias eugênicas do filósofo mexicano José de Vasconcelos, as quais demonstrara conhecimento na elaboração do manifesto verde amarelo, o “Nhengaçu verde-amarelo” (SEVCENKO, 1992, p. 299).

Somos um país de imigração e continuaremos a ser refúgio da humanidade por motivos geográficos e econômicos demasiadamente sabidos. Segundo os de Reclus, cabem no Brasil 300 milhões de habitantes. Na opinião bem fundamentada do sociólogo mexicano José Vasconcelos, é de entre as bacias do Amazonas e do Prata que sairá a

“quinta raça” a raça cósmica, que realizará a concórdia universal, porque será filha das dores e das esperanças de toda a humanidade. Temos de construir essa grande nação, integrando na pátria comum todas as nossas expressões históricas, étnicas, sociais religiosas e políticas.(apud Telles, 1986)

Os caminhos no romance, para a constituição da raça cósmica, divergem e confluem. Ela está presente, por exemplo, nos tipos ideais: o líder da expedição, o Capitão Paulo Fragoso, intelectual que tinha por objetivo conhecer a “essência das coisas e os mistérios do mundo”(PICCHIA, s.d., p. 161). A sua busca pelo conhecimento é em si marcada pela procura da identidade nacional. Assim, Fragoso escrevera “Etnografia brasileira Pré-Colombiana”, na qual estabelecia acirrada polêmica sobre a imigração para a Terra do Fogo. Para Fragoso a descoberta da identidade faz-se simultaneamente pela aventura do pensamento e do desbravamento. O tenente Pina é outro tipo ideal. É descrito como o “avesso de Fragoso”. Nas palavras de Del Picchia, “sua ancestralidade tumultuária recuava até aos sertanistas bravios, predadores de índios. Homens de arcabuz e de guerra, temperados por séculos nas vicissitudes dos sertões entre tocaias de índios e de onças e entre as ferroadas dos mosquitos maleiteiros. Belicoso, irascível, rixento não parava nas guarnições da capital...o ancestral das entradas (PICCHIA, s.d., p. 15-16). Figura primeva “na imaginária construção pelos paulistas do “bandeirante”desbravador”. A estes dois tipos soma-se o cabo Maneco, caboclo, ignorante, supersticioso, apreciador da boa comida e da música, completamente imerso nas tradições sertanejas. A hierarquia dos tipos, reflete-se na hierarquia militar, Fragoso o herdeiro da tradição ocidental do pensamento é o capitão, o tumultuário Pina é o tenente , o supersticioso Maneco é o cabo.

O quarto tipo ideal é o indígena. Menotti Del Picchia o descreve de maneira desbragadamente estereotipada. Eles são os bugres, os selvagens antropófagos, que nem parecem ter “rosto de gente” (PICCHIA, s.d., p. 30); são macacos (PICCHIA, s.d., p. 31) que movimentam-se e dançam com trejeitos símios, “com dentes alvos saltando das bocas escarlates tal

qual as presas dos gorilas” (PICCHIA, s.d., p. 32). O cacique teria inclusive “uma cara de macaco chumbado” (PICCHIA, s.d., p. 58) as índias velhas participantes do “festim da morte”, seriam descritas como “demônios de mamas”(PICCHIA, s.d., p. 51). Ao caracterizar os índios como bárbaros e selvagens, Picchia por um lado parece polemizar ironicamente, com o movimento antropofágico, que exaltara o nativo em oposição ao europeu, mas por outro, acaba por adotar o discurso elitista colonizante sobre o outro, neste caso o nativo brasileiro, como inferior e monstruoso, e portanto alvo de exclusão.¹⁵

Após a apresentação dos tipos ideais e conseqüentemente dos caminhos possíveis para a construção das utopias raciais, Menoti Del Picchia apresenta-nos a República 3000.

A República 3000 tivera sua origem em uma expedição cretense. Del Picchia enfatiza que o comandante cretense só pode instalar-se na atual localização graças à superioridade da civilização cretense em relação à inca. A inserção da Civilização cretense em rincões americanos sugere uma propensão do autor a enfatizar a não-linearidade do desenvolvimento humano, o livre intercâmbio de raças e idéias, da possibilidade da América encontrar novos rumos na construção de uma identidade alternativa, baseada no conhecimento ocidental, mas não excludente das características locais, ou seja, de realizar uma “miscigenação racial construtiva”.

A República 3000 era uma sociedade em que a ordem fora estabelecida graças a “educação e a hygiene” (PICCHIA, s.d., p. 135), ou seja, onde o sonho dos engenheiros sociais da década de 20 fora implantado plenamente. Segundo Gurnia, um dos líderes da República, para o efetivo funcionamento da solidariedade social é essencial o funcionamento do organismo perfeito, existindo, para ele uma equivalência entre o funcionamento fisiológico e social (PICCHIA, s.d., p. 134). Desta forma, a garantia de uma sociedade plena só poderia se dar através de medidas eugênicas, a eliminação de organismos imperfeitos, “nós eliminamos desde o berço, o organismo imperfeito, porque tolerá-lo por qualquer sentimentalismo anti-prático e

¹⁵ Para uma discussão sobre os sentidos dos termos, canibal e antropofago, especialmente na literatura modernista, ver Célia Magalhães, p. 69-90.

anti-social seria justificar e defender o aparecimento do próprio crime”. (PICCHIA, s.d., p. 134)

A lógica eugênica da República 3000 possibilitou, segundo Gurnia, uma simplificação ética e social que a livrara de uma “ética jurídica que defende a existência da máquina criminosa” ao defender a própria existência do agente social doentio. (PICCHIA, s.d., p. 134). Dentro dessa lógica, limitou-se o número de cidadãos da República 3000 pela aplicação de um “maltusianismo ético e técnico”, permitindo uma adequação “às condições econômicas e geográficas do território ocupado” (PICCHIA, s.d., p. 134-135) apontado como bastante farto. Esta solução, ao mesmo tempo que é vista como essencial para o bom funcionamento da República, surge como antídoto aos anseios expansionistas, na análise de Gurnia, “Para que imperialismo onde há fartura e bem estar?” (PICCHIA, s.d., p. 115).

A abolição das paixões anti-sociais permitiria a eficiência absoluta, a utilização plena da energia individual através da metapsíquica. Podemos dizer que este povo desenvolveu uma economia baseada no aproveitamento do pensamento. Assim, tanto o desgaste energético trazido pelos sentimentos descontrolados, quanto o próprio trabalho manual deveriam ser afastados, pois poderiam prejudicar as capacidades sensoriais como a telenergia e a televisão. Levaram às últimas consequências o desenvolvimento deste biopoder, alterando, inclusive, sua própria organização fisiológica, eliminando os apêndices orgânicos inúteis. Na descrição de Fragoso, estes seres apesar de assemelharem-se aos homens possuindo duas pernas, dois braços, cabeça, possuíam braços e pernas finos demais com uma tessitura muscular que permitiam movimentos de serpente. Atrás das pernas, desenvolveram duas asas “articuladas com barbatanas e cartilagens”. O nariz era apenas um orifício, possuindo no rosto apenas um olho que se deslocava em sentido horizontal, numa espécie de “setor rasgado em quadrilátero que ia de orelha em orelha”. A boca era um pequeno rasgo. Para completar o quadro, este novo homem possuía no torác uma pequena caixa metálica que, quando acionada através de um botão, fazia funcionar nas costas uma pequena hélice que se movia dentro de uma caixa circular, também metálica acoplada ao corpo. (PICCHIA, s.d., p. 76-77) Tinham alcançado, portanto, a síntese eugênica ideal do homem perfeito o homem-máquina.

Processo de transformação definido por Fragoso como autoplaticidade, baseado em uma lógica de simplificação das funções orgânicas, tornada possível pelo domínio da força neutral da coesão molecular. A remodelação da estrutura fisiológica proporcionaria o surgimento de um novo modelo de homem. A eficiência absoluta deste novo homem-máquina é marcada pela concretização do moto perpétuo, da eternização da vida, atingida a fonte perpétua de energia no próprio pensamento (PICCHIA, s.d., p. 168).

Neste contexto, em que a remodelação da estrutura fisiológica proporcionou o surgimento de um novo modelo de homem, a monstruosidade e o grotesco são representados pelos próprios homens em estado morfológico primitivo; neste caso Raymi e seu irmão que serão substituídos por Fragoso e Maneco. Novamente a inversão, neste universo fantástico, o ser humano deve ser preservado em museu, para rememorar os cidadãos da República de sua “primitiva e bárbara forma de humanidade” (PICCHIA, s.d., p. 148). É a ele também, que está designado o papel de mover os maquinários primitivos, de trabalhar. Todos são monstros, ou grotescos ao olhar do outro.

Perante esta civilização autoremodelada e baseada no princípio da eficiência Fragoso revelaria; “não lhe repugnavam os conceitos; perturbavam-no e iluminavam-no. Sentia a esmagadora superioridade daqueles criaturas semi-mecânicas.” (PICCHIA, s.d., p. 135). A única reação possível neste mundo geométrico, seria entregar-se à sentimentalidade, ao amor que pulsava por Raymi e à sensualidade que percorria seu corpo (PICCHIA, s.d., p. 181).

Retornando a José Vasconcelos, podemos propor que a República 3000 seria uma metáfora do segundo dos três estados sociais, um estado intelectual ou político, marcado pela lei da regra, da norma e da tirania, por uma política eugênica que ao condenar a mescla das raças, refreia os sentimentos e a espiritualidade (VASCONCELOS, 1948, p. 41).

Neste sentido, multiplicam-se sentidos da relação de Fragoso e Raimy da República 3000. O narrador realiza uma transposição poética dos delírios utópicos de Vasconcelos. A princesa Inca adormecida e intocada, no palácio museu da República, simbolizando o índio, “que guarda um quieto mistério na consciência” (VASCONCELOS, 1948, p. 58), é libertada pelo

representante da raça latina conquistadora, Fragoso.

Raymi e Fragoso representam a possibilidade da redenção edênica através da principal lei que fundamenta o imaginário terceiro estado de José Vasconcelos, "...a verdadeira potência criadora de júbilo está contida na lei do terceiro período, que é emoção de beleza e um amor tão acendrado que se confunde com a revelação divina" (VASCONCELOS, 1948, p. 52). Estas leis regerão a escolha dos casais que assim sobreporão a eugênia científica à "eugenia misteriosa do gosto estético" (VASCONCELOS, 1948, p. 42). Desta forma a mescla racial, dirigida por esta eugenia estética, possibilitará o surgimento da quinta raça cósmica no continente americano, "Sua predestinação obedece ao desígnio de constituir a cunhagem de uma quinta raça na que se fundirão todos os povos, para substituir as quatro que isoladamente têm forjado a história. No solo da América terminará a dispersão, ali se consumará a unidade pelo triunfo do amor fecundo, e a superação de todas as estirpes" (VASCONCELOS, 1948, p. 28). Raymi e Fragoso tornam-se pais do Inca, símbolo da desejada quinta raça cósmica.

Menotti Del Picchia concretiza, no imaginário, o desejo presente no manifesto do grupo verde-amarelo-grupo da anta, publicado em 1929, de uma mestiçagem integradora, do surgimento raça cósmica, desenvolvida na síntese das principais raças entre as bacias do Amazonas e do Prata, capaz de construir a concórdia universal.

CONCLUSÕES

A eugenia aparece em ambas as utopias/distopias, como a ciência guia dos destinos da nação, porém Menotti e Lobato diferem sensivelmente, nos modelos propostos .

Del Picchia literalmente manda para o espaço a perfeição dos cidadãos da República 3000. Ao fazê-lo, critica e desautoriza a condenação de alguns eugenistas brasileiros à hibridização racial. Ironiza na monstruosidade dos habitantes da República 3000; afinal de contas, descendentes de cretenses, o modelo de perfeição helênica, e a vontade de transmutação dos brasileiros em "puros gregos", pertinente à lógica da eugenia racial "negativa". Aposta em uma nova identidade baseada no aperfeiçoamento da raça através da mistura da excelência das tradições americanas, o europeu e o inca, na quinta

raça, síntese universal das forças cósmicas. Dentro da lógica eugênica, o papel das demais etnias permanece secundário, restrito a sustentação da ordem, e da sociedade do trabalho, como no caso do Caboclo Maneco. Dialogando com o eugenista mexicano, José de Vasconcelos, Picchia acaba por se filiar à uma eugenia “positiva” e estetizante. A visão de miscigenação construtiva, também parece compartilhar o mesmo desejo de uma “homogeneidade biopolítica” presente na eugenia mexicana, e também sua lógica de “mistificar as bem reais divisões culturais, sociais, políticas e de classe...” (STEPAN, 2005, p. 163). Mistificação, exemplarmente presente, no ocultamento da presença africana na República 3000, seguindo uma tendência da literatura modernista brasileira (MAGALHÃES, 2003)¹⁶.

No Lobato de *O Presidente Negro*, na enfática descrença no processo de miscigenação, a possibilidade ressaltada de constituição de uma identidade nacional é o progressivo branqueamento racial, através de estratégias eugênicas. No romance, o conflito é representado como desagregador da ordem e da nação, a segregação ou eliminação dos negros comparece como solução. Lobato, ao imaginar o desenvolvimento futuro do Império, transpassa fronteiras identitárias, o colonizado espelha imaginários colonizantes, tal qual o embaixacado Ayrton, perde-se na adoração da eficiência científica e tecnológica. A condenação da hibridização racial acaba por realizar o percurso percebido por Nancy Leys Stepan em que muitos “intelectuais latino-americanos estavam sempre prontos a projetar esses julgamentos negativos do mundo exterior sobre si mesmos- ou sobre frações de si mesmos- ou sobre frações de si mesmos que serviam como seus próprios “outros” (STEPAN, 2005, p. 151). Simbólica desta posição, da exclusão purificadora, da adoção de medidas eugênicas restritivas, em Lobato, é o Brasil futuro no seu romance americano. Nele o Brasil é dividido em duas repúblicas. A República do Paraná, com clima temperado, industrializada, essencialmente branca que, graças a adoção do princípio da eficiência, “ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos”, e uma República Tropical, sem nome definido, pois afinal, como sabemos, todas as repúblicas tropicais são iguais, “o Brasil mestiço, do desequilíbrio

¹⁶ Sobre o ocultamento da presença africana na literatura modernista brasileira, ver: Célia Magalhães, p. 69-90.

sangüíneo, envolto em permanente convulsões políticas e filológicas.” (LOBATO, 1969, p. 214-215)

As utopias propostas por Del Picchia e Lobato são construídas a partir dos princípios de eficiência, da organização do trabalho e da eugenia. Estes princípios combinados são capazes de modificar a morfologia anatômica do ser humano, seja na criação do homem-máquina de Del Picchia, ou no desmembramento anatômico de Lobato. Ambas as sociedades são moralmente higienizadas, consequência lógica da higienização física. Seus governos, marcados pela meritocracia, são essencialmente antidemocráticos, com a representação sendo uma pura formalidade, pois os melhores são claramente reconhecidos. Nelas, as técnicas de controle social e sexual dialogam plenamente e desejam a mesma sofisticação das técnicas maquinicas, tendendo à fusão plena. A concretude das técnicas de biopoder plasmam a sociedade, como plasmam a hereditariedade dos caracteres. Assim, como as técnicas maquinicas transformam a matéria, o biopoder metamorfoseia corpo, sentidos, percepções.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro e GARCIA, Elena Moraes. **Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**. Rio de Janeiro: SBHC, 1997.

AZEVEDO, Carmem Lucia de e CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de Rezende e SACHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Senac, 1997.

CASTAÑEDA, Luzia Aurelia. Da Eugenia à Genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renata Kehl, in: **Anais do Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**. Rio de Janeiro: SBHC, 1997.

LAJOLO, Marisa. Negros e Negras em Lobato, in: LOPES, Eliane Marta Teixeira e GOUVEA, Maria Cristina Soares (org.). **Lendo e Escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 65-82.

LOBATO, Monteiro. **A Onda Verde/O Presidente Negro ou o Choque**

das Raças. São Paulo: Brasiliense, 1969.

LOBATO, Monteiro. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital.** São Paulo: Brasiliense, 1968.

LOPES, Eliane Marta Teixeira(et. al.). **Lendo e Escrevendo Lobato.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAGALHÃES, Célia. **Os Monstros e a Questão Racial na Narrativa Modernista Brasileira.** Belo Horizonte:UFMG, 2003.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A Medicalização da Raça: Médicos, Educadores e Discurso Eugênico.** Campinas: UNICAMP, 1994

PICCHIA, Menotti Del. **A República 3000,** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1930.

PICCHIA, Menotti Del. **Kalum.** Rio de Janeiro :Ediouro, s/d.

RICOUER, Paul. **Ideologia e Utopia.** Lisboa: 70, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole.** São Paulo:Cia. das Letras, 1992.

STEPAN, Nancy Leys. **“A Hora da Eugenia”: Raça, Gênero e Nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TELES, Maria Amélia de Almeida Teles. **Breve História do Feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1986.

VASCONCELOS, José. **La Raza Cósmica,** Espasa Calpe Argentina S. A: Buenos Aires: México, 1948.